

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP



Nº. de referência: 1

Título: "ÉU SOU UM HOMEM DE BEI7"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): BRANDÃO, RAUL

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 5/2/1975

Data de Emissão: 10/2/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
RUI DE CARVALHO	

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

R. Pais

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIA ARTÍSTICA - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA Nº <u>92</u>	PROGRAMA <u>1</u>
DATA DE ENTREGA <u>29/JAN/1972</u>	NUMERO DE <u>1012175</u>
PEDIDO DE <u>10.00</u>	<u>15-30</u> HORAS
MINI-TEATRO	VISTO
NUMERO DO PEDIDO DE GRAVACAO	

"EU SOU UM HOMEM DE BEM"

Primo de Sorriso

//

(ENTRA UM POUCO EXALTADO: ACENDE A ELECTRICIDADE, POUSA A CHAPEU E ATIRA COM AS LUVAS PARA O LADO).

Tens-me seguido sempre. Desde que parei diante da vitrine do Leitão joalheiro, nunca mais me largaste. Fingi que te não via - mas ao fitar aquelas jóias, dum brilho duro e magnético, olhei de soslaio e lá estavas presente. Que diabo queres tu afinal? Não me largas. Não falas. És um espectro. Chegas a fazer-me rir. Senta-te. Eu sou um homem de bem. Se pertences à polícia, podes rebuscar toda a minha vida. Não tenho escaninhos nem segredos. Confio-te os meus livros, o Razão e o Caixa. Senta-te. Toda a cidade me conhece... Bebi talvez de mais neste jantar que os meus amigos me ofereceram - trinta anos de trabalho e probidade impõem - e tu aproveitaste a ocasião... Vamos, senta-te e fala. Hás-de acabar por falar! Eu sou um homem honesto - não preciso de fantasmas na minha vida. Eu sou um homem de bem. Tu ris-te?! Isso é demais, tu excedes-te! Não contente com teres usurpado a minha figura e talvez o meu nome; não contente em te teres agregado a mim como uma sombra e em te instalares sem mais nem menos na minha própria casa - tu ris-te quando eu digo que sou um homem de bem?! (IRRITA-SE) - De quem é que tu te ris afinal? (FRZ UM ESFORÇO, SERENA E MUDA DE TOM) - Lá me ia exaltando contigo, que não existes. Por^{tu}tu, eu sei-o perfeitamente, tu não existes. Copiaste a minha fisionomia, imitaste o meu andar, vestiste no ~~meu~~ meu alfaiate, mas na realidade, apuradas as contas, és uma sombra que se vai dissipar como o fumo do meu cigarro. Estás diante dos meus olhos e não tens realidade nenhuma; vejo-te perfeitamente e nasceste talvez do último copo de champanhe que bebi ou és um produto da má digestão da "mayonnaise" que me faz sempre mal... Anh, não te decides a falar?... Convém-me a esta hora dois dedos de cavaço, antes de me meter em vale de lençóis. Palavra, assim mudo e solene, fazes-me o efeito dos espectros antigos, que vinham sentar-se à beira dos homens, em ocasiões fatais! Chamar-te-às Remorso? Serás tu a Consciência com um C grande? Palavras enormes que não tem nada que fazer na minha vida, repito-te. Escusas de olhar para mim com essa insistência. Isso não to admito! Tolerote tudo: que me persigas, que uses o mesmo talhe de cabelo que eu uso, que estejas calado quando te intimo a falar - Tudo! (EXALTADO)

Agora que duvidas da minha honra, da minha probidade, depois de trinta anos de vida que toda a gente conhece, isso não! Isso nunca! Nunca, ouviste?! Não te admito esse olhar nem esse riso de escárnio!... Sou o que se chama um homem de bem, posso gabar-me disso.

(PAUSA)

Eu bem sei ao que te queres referir; na realidade entendo-te à légua, como me entendo a mim mesmo. Transigências?... Mas transigências todos as têm, todos. Também dizes que fui duro. Fui duro, endureci o coração para triunfar. Mas qual o fim da vida, senão enriquecer? Isso não tira de ser um homem honesto. Acaba! acaba por despejar o saco! Mas não fundos queres perguntar-me - e não te atreves - em que consiste a minha honestidade. Em cumprir o meu dever e esse, podes dizer o que quiseres, cumpri-o sempre. A honestidade diante de quem? Diante de Deus ou diante dos outros? a interior ou a exterior? Talvez na tua opinião valha melhor ser pobre e simples, ser um sonhador desconhecido? Nesse caso podes acusar toda a gente. Se estivessem aqui vinte, trinta, cem, duas mil pessoas e eu as pusesse frente a frente com a sua própria consciência, com o que há de mais secreto em cada consciência: - E tu? e tu? olhem todos para mim, olhem-me direito nos olhos: - A honestidade interior ou exterior?... - Há-os que depravam as próprias mulheres, há-os que vivem de uma primitiva infâmia. É outra vida ao lado da vida, é a vida secreta e horrível que se esconde e deve esconder, e de que todos nós desviamos o olhar porque nos mete medo. Isto não tira nem pão. São pequenas coisas. O que é preciso é cumprir sempre os grandes deveres, e esses cumpri-os, como paguei sempre as minhas letras. Sustentei meus pais até à morte. Repeli, é certo, a mão que se me estendia e desviei os olhos daqueles olhos fitos nos meus que pediam socorro e ternura. Pequenas coisas... (MAIS BAIXO) que talvez sejam as maiores da vida. Já sei, já percebo: o que tu admiras é a piedade, o amor, o sonho. Meu amigo, és um poeta e queres que eu também o seja?... É mais que a esmola, a maneira como se dá a esmola. Querias então que eu fosse santo, anh? Querias que me despisse para vestir os outros? Que não calcasse e me deixasse calcar? Não tive bondade?... Um crime? (RI-SE) Se te parece arrasta-me agora ao banco dos réus. Eu sou um homem honesto. Pode-se ser um homem honesto e praticarem-se muitos crimes, os piores crimes,

dizes tu, os que pecam por falta de humanidade. Dizes... dizes... Mas não compreendes, ó estúpido, que não tive tempo para pensar em ninharias. Querias talvez que deixasse de pensar no negócio, para pensar no sofrimento humano!? Não compreendes que tive de ser duro. Que para ser respeitado precisei de enriquecer, e que para enriquecer fui forçado a esquecer a vida dos outros; que, para ser considerado na praça, havia de cumprir certos deveres, de pagar as letras a tempo e de seguir uma linha de conduta um pouco rígida...

(COM ESPANTO) - Ris-te da praça! Então tu agora ris-te da praça?! Da praça!!! E perguntas o que há no fundo dessa correcção com o valor da praça? Há isto: há muita pontualidade, muita ordem, muito método.

(ESCUA ALGUM TEMPO ABSORTO)

... Mas isso que dizes, isso de encrar a vida assim é para poetas, e eu não sou um poeta, nem mesmo um sonhador - sou um homem prático. Se te escutasse, seria um desgraçado, sem situação social, e de quem ninguém faria caso. Um homem obscuro, um pobre homem cheio de ternura, o homem fraco que chega à velhice, espoliado e desprezado, e com duas estrelas nos olhos. Ouves? Desprezado, porque não soube enriquecer, porque não soube dizer que não, quando era preciso dizê-lo. Porque não soube ser duro. Era isto, anh? era isto que tu querias, para te rires, ainda por cima, de mim? Cala-te!... Dás valor a teias de aranha a que eu não dou valor nenhum. Pões-me diante dos olhos um ser que não existe, um ser perfeito. Melhor - um ser horrível noutra mundo onde as figuras mudaram de proporções e esqueceram a realidade.

(DEPOIS DE ESCUTAR UM MOMENTO, RESPONDE, EXALTADO)

Se fosse assim, éramos todos criminosos. Se fosse assim, não havia homens de bem e os ladrões e os desgraçados capazes de amor eram melhores do que eu. Protesto! A vida, meu caro, tem exigências; a vida é um combate. Sob as aparências há um fundo indeciso, para o qual ninguém deve reparar... (NOUTRO TOM, MAIS BAIXO) - Aí te pões tu outra vez a rir, com um riso que me faz mal, e a recordar o ser que eu já fui quando era moço e que felizmente desapareceu do mundo... Esse? esse é que era eu?! Então o outro é que era eu?! o outro

é que era o homem?! O outro que acreditava em tudo, iludido e pobre, o outro é que era o ser esplêndido e vivo?! Se fosse assim, a minha existência tinha sido inútil e eu não era o negociante conhecido e aplaudido na praça. Matei-o logo que pude. Durante muitos anos uma voz baixinha falou em mim, cada vez mais baixo, até que consegui calá-la. Um estremeção e morreu... Mas a bem dizer não fui eu que o matei - foi a vida que o matou. Enriqueci. Mas sinto na verdade que alguma coisa falta em mim para ser um homem. O Homem!... Sim, 'sim... talvez essas coisas triviais sejam as maiores da vida. As outras não contam, nem o dinheiro conta, dizes tu, consciência. Dizes... dizes... sufoco!

(ARRANCA O COLARINHO E A GRAVATA E DEIXA-SE CAIR SOBRE UMA CADEIRA)

- Sempre hoje estou muito bêbado!

FIM

